

GUERRA, Eleonora. A Presença Francesa no Nordeste do Brasil no Século XVI: Uma Contribuição da História à Arqueologia. *Coleção Arqueologia*, Porto Alegre, EDIPUCRS, n° 1, vol.1, p. 79-95, 1995-96.

A PRESENÇA FRANCESA NO NORDESTE DO BRASIL NO SÉCULO XVI: UMA CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA À ARQUEOLOGIA

GUERRA, Eleonora¹

A compreensão do processo de exploração e ocupação do território brasileiro no período colonial presuppõe sua inserção no contexto europeu do final da Idade Média e início da época Moderna. As transformações sociais, econômicas e políticas, bem como os avanços tecnológicos que afetaram a Europa nos séculos XIV e XV contribuíram decisivamente para a expansão comercial e colonial européia. Uma série de medidas econômicas e seus desdobramentos políticos e sociais - que se convencionou denominar mercantilismo - caracterizam este período de transição do feudalismo para o capitalismo.

A expansão comercial européia, impulsionada pelo capital mercantil ascendente, conduziu à constituição de colônias que provessessem o mercado europeu de matérias-primas, metais preciosos e demais produtos inexistentes no Velho Continente.

¹ Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco.

É neste contexto que se enquadra o descobrimento, exploração e colonização do Brasil: sua exploração e ocupação pelos portugueses e as investidas por parte de outros povos europeus. Sabe-se que as diversas tentativas de ocupação e exploração das terras pertencentes a Portugal, no Novo Mundo, por outras nações europeias, principalmente França, Inglaterra, Holanda e Espanha, estimularam e direcionaram as estratégias portuguesas de defesa e ocupação de seu território no continente americano. Convém ressaltar que, dentre as investidas europeias - não portuguesas - , durante o período quinhentista, destaca-se a ação de franceses, intensa no século XVI e parte do XVII. As atividades de exploração destas terras, por franceses, repercutiram não apenas sobre as relações diplomáticas e comerciais existentes entre Portugal e França, mas também sobre suas relações com a colônia, no caso, o Brasil, interferindo diretamente em seu processo de colonização.

A importância do estudo da presença constante de franceses nas costas do Brasil no período quinhentista conduziu, entre outras razões, à elaboração e desenvolvimento deste projeto. Uma questão levada em consideração na escolha do tema diz respeito, portanto, a sua importância para uma melhor compreensão do processo de colonização do território brasileiro.

Tendo em vista, no entanto, a complexidade e extensão espaço-temporal da presença francesa no Brasil, restringiu-se o tema deste projeto à atual Região Nordeste do Brasil, no século XVI. Convém ressaltar, nesta oportunidade, que não se pretende, em princípio, apresentar uma análise profunda de todas as relações e implicações advindas desta presença. Na verdade, este trabalho consiste na concatenação de informações relativas ao assunto, que, referentes ao século XVI, principalmente, se apresentam, de certa forma, fragmentárias e dispersas. Pretende-se, portanto, como um dos objetivos deste projeto fornecer subsídios para trabalhos

posteriores, no campo da História, da Arqueologia e de áreas afins. A concatenação de dados, constituindo-se em informações relativas ao tema, possibilitar uma reconstituição histórica e arqueológica mais acurada do processo de ocupação e colonização do território brasileiro.

O estudo da presença francesa no Brasil abre para o pesquisador um campo muito vasto de possibilidades de investigação. Considerando-se, então, a complexidade, isto é, as inúmeras variáveis que não podem ser negligenciadas no estudo de uma sociedade, de um grupo humano, uma redução do objeto de estudo faz-se perfeitamente justificável, senão inevitável. Esta redução, desde que não redunde em uma desvinculação do contexto, não representa qualquer inviabilidade ou prejuízo epistemológico. A redução do objeto possibilita a elaboração de um trabalho mais profundo, ainda que mais específico. A especialização apontada por Zubrow, Fritz & Zubrow² como estratégia científica em voga até recentemente, permitiu um grande avanço no conhecimento. Tal especificação, entretanto, conforme observam estes autores, promoveu uma grave lacuna de comunicação entre cientistas, em geral e, até mesmo entre aqueles que trabalhavam dentro da mesma área do conhecimento. O pesquisador poderá, e até deverá, reduzir o seu objeto de estudo, sem, no entanto, desvinculá-lo do contexto mais amplo, ou seja, sem desvinculá-lo dos demais componentes e subsistemas do sistema cultural em estudo.³

Admitindo-se que a presença francesa no Nordeste brasileiro, no período quinhentista, e suas repercussões não poderá ser compreendida sem que haja uma contextualização prévia, esta será apresentada, em linhas gerais nesta introdução. Não se pretende, no entanto, abordar em profundidade a conjuntura européia que antecedeu o descobri-

² ZUBROW, FRITZ & ZUBROW, 1974

³ ALBUQUERQUE, 1991-; LUCENA, 1991.

mento do Novo Mundo pelos europeus, pois este não é o objetivo deste trabalho.

No sentido de melhor entender a conjuntura européia no período que antecedeu e culminou com a descoberta, exploração e colonização de novas terras, convém fazer uma breve retrospectiva ao século XI, quando já se pode perceber as primeiras manifestações de desagregação do feudalismo na Europa Ocidental. Vários foram os fatores, conforme se sabe, que contribuíram para a sua lenta e contínua deterioração.

A partir do século XI, com o renascimento das atividades comerciais em centros urbanos da Europa ocidental, o modo de vida feudal começa a apresentar sinais de modificação no âmbito econômico e social. O desenvolvimento da vida urbana, de comerciantes, artesãos e outras atividades especializadas, de uma maior e crescente circulação monetária conduziu a alterações nas formas de pensar e de agir, gerando novas necessidades, aspirações e valores.

Entre os séculos XI e XIV, as atividades comerciais enfrentavam sérias dificuldades quanto ao abastecimento de mercadorias que não eram fornecidas regularmente aos comerciantes. Esta irregularidade no fornecimento de mercadorias gerava, frequentemente, instabilidade e crises nos mercados locais.⁴

A partir do século XIV, profundas transformações se processaram no Mundo europeu, contribuindo para a descoberta e exploração do continente americano. Foi no decorrer deste século que as pequenas crises regionais transcederam

⁴ "A produção agrícola européia, neste período, era ainda atrasada, rudimentar, incapaz de produzir uma quantidade de excedentes suficiente para um abastecimento regular das zonas urbanas. Desta maneira a economia vivia mergulhada em sucessivas crises locais, com escassez de mercadorias em algumas cidades, altas e baixas repentinas de preços, especulação etc." (MENDES JUNIOR; RONCARI & MARANHÃO, 1979:38).

o caráter, inicialmente local, atingindo toda a Europa. Guerra, fome, epidemias, revoltas camponesas caracterizavam o que se convencionou chamar *A Grande Crise Européia do Século XIV*. Nas primeiras décadas do século XIV, uma grande escassez de alimentos atingiu a Europa, provocando, conseqüentemente, fome e morte; neste período uma série de epidemias, destacando-se a *Peste Negra* (1348-1350), extinguiu um terço da população européia; e o empobrecimento das massas camponesas, oprimidas pelo excesso de tributos exigidos pelos senhores feudais, gerou grandes revoltas.

Um outro acontecimento de grande repercussão na Europa neste período foi a *Guerra dos Cem Anos* (1337/1453), entre Inglaterra e França. Este conflito desencadeou o processo de unificação dos territórios e centralização do poder nas mãos do rei nestes dois países, formando-se, então, as monarquias nacionais inglesa e francesa.⁵

Além do decréscimo populacional, escassez de mão-de-obra, fome, revoltas de camponeses e servos, pode-se apontar, como reflexo da *Grande Crise Européia do Século XIV* a alteração das rotas comerciais, o crescimento e fortalecimento da burguesia mercantil, sobretudo a lusitana, a expansão marítima, a formação dos Estados Nacionais.

O comércio europeu, que, no sec. XIII, girava em torno de dois polos: a Itália ao sul e Flandres ao norte, teve suas rotas de comércio alteradas em função das revoltas camponesas da fome, da guerra. Os caminhos terrestres, ao se tornarem perigosos, foram substituídos por trajetos marítimos.

⁵ Este conflito enquadra-se "... no processo histórico do dismantelamento político do feudalismo (...). Mobilizou um grande número de senhores feudais, comerciantes interessados na centralização monárquica e mesmo servos, recrutados para os exércitos, já que as tropas feudais clássicas eram insuficientes, devido à intensidade do conflito." (MENDES JUNIOR; RONCARI 7 MARANHÃO, 1979:38).

As novas rotas comerciais foram favoráveis ao desenvolvimento das atividades comerciais em Portugal.⁶

Observa-se, neste período maior crescimento e fortalecimento da burguesia mercantil, sobretudo a lusitana, que se destacaram como principais agentes da expansão marítima. Comerciantes e banqueiros europeus, conscientes da instabilidade e limitação do mercado, sentiram a necessidade de se buscar outros mercados, tanto para o consumo quanto para a aquisição de gêneros escassos ou inexistentes na Europa.

A necessidade de expansão comercial conduziu à expansão marítima. O progresso tecnológico tornou-a possível: retomou-se os estudos de Ptolomeu sobre a esfericidade da terra; surgiu a caravela possibilitando tanto a navegação em alto mar quanto junto à costa; vários instrumentos náuticos foram inventados ou adaptados (bússola, astrolábio, originários do Orinete); a invenção da imprensa possibilitou a divulgação das novas técnicas e o intercâmbio de informações.

A unificação e centralização do poder nas mãos do Rei, constituindo os Estados Nacionais, foi um processo de grande importância para a concretização da expansão comercial na época Moderna. O poder, que então se encontrava subdividido, opunha obstáculos ao desenvolvimento comercial e, por esta razão, a burguesia mercantil participou do processo de constituição dos Estados Nacionais.

⁶ As novas rotas comerciais "... saíam pelo Mediterrâneo, ultrapassavam o estreito de Gibraltar, faziam escalas nos portos portugueses de Évora, Lisboa e Porto e rumavam para o Mar do Norte". (COSTA & MELLO, 1990:14).

⁷ É interessante observar que Mendes Junior, Roncari & Maranhão ressaltam "... que o desenvolvimento comercial e o crescimento dos Estados nacionais são dois processos, não apenas sincrônicos, mas também inderpendentes". (MENDES JUNIOR; RONCARI & MARANHÃO, 1979:38).

Na medida em que vão se formando os Estados Nacionais, as nações vão abrindo caminho no ultramar, buscando expandir-se comercialmente, inclusive constituir-se em impérios coloniais. Portugal e Espanha adiantaram-se nesse processo, em relação às demais nações européias. Portugal, no final do século XIV, com a Revolução de Avis (1383-1385), constituiu-se em Estado Nacional. O processo de unificação e centralização da Espanha ocorreu na segunda metade do século XV. Inglaterra e França, por exemplo, só completaram sua unificação, constituindo-se em Estados Nacionais em meados do século XV, após a chamada *Guerra dos Cem Anos*, entre as duas nações, e depois de enfrentar também convulsões internas.

No tocante à expansão marítima, Portugal foi pioneiro na constituição de um vasto império colonial. Vários fatores contribuíram para sua primazia nas Grandes Navegações: sua avançada arte náutica; a primazia na criação, com a Revolução de Avis, de um Estado Nacional, unificado e centralizado, associado aos interesses mercantis; ter se tornado ponto de escala comercial, uma vez que sua posição geográfica apresentava um caminho aberto através do Atlântico; e crescimento da burguesia comercial e marítima, apoiada e incentivada pelo Rei, que teve papel de destaque no processo.

Até o final do século XVI, Portugal e Espanha, conforme se sabe, eram os únicos Estados europeus a possuir grandes territórios ultramarinos. França, Inglaterra e Holanda, muito embora já tivessem iniciado sua expansão marítima, não haviam ainda obtido êxitos muito expressivos.

A manutenção de seus territórios no continente americano, constituía-se em uma preocupação constante para Portugal e Espanha, sempre ameaçados pelas nações aliadas na divisão das novas terras descobertas, conforme o Tratado de Tordesilhas. As contínuas investidas do expansi-

onismo francês, inglês, holandês, exigia medidas enérgicas no sentido de impedir que outros sistemas incorporassem as terras que, de acordo com o referido tratado, lhes pertenciam.

Desde os primeiros anos do século XVI, conforme se pode constatar em escritos da época, as costas brasileiras eram freqüentadas e exploradas por grupos europeus, nem sempre portugueses. Eram ingleses, holandeses, espanhóis e, principalmente, franceses.

Os contatos estabelecidos entre a França e o Brasil desde os primeiros anos do século XVI - através de navegadores, aventureiros, comerciantes, soldados missionários católicos ou protestantes - têm se revelado extremamente constante ao longo da História do Brasil, interferindo direta ou indiretamente na formação da cultura brasileira. Ao longo do tempo, estes contatos apresentaram caráter diferenciado, variando, igualmente, em intensidade.

A influência francesa faz-se presente em inúmeros aspectos da vida brasileira, podendo ser facilmente identificada, por exemplo, nas representações artísticas e literárias, pensamento político e filosófico, modismos intelectuais, regras de etiqueta, preceitos culinários, rituais comemorativos. Topônimos são também testemunhos da presença francesa no Brasil.

As repercussões e influências das complexas relações estabelecidas com a França desde os primeiros anos do século XVI influenciaram e contribuíram indubitavelmente para a formação e transformação do Brasil. Vale ressaltar, no entanto, que relações não apresentaram caráter unilateral, ou seja, os contatos entre as duas nações afetaram também a sociedade francesa.

No caso do Nordeste do Brasil, mais especificamente, tem-se registro da presença de franceses ao longo de toda a costa, desde a Bahia até o Maranhão, durante o século XVI e parte do XVII, destacando-se no entanto, a ação de corsários.

A presença francesa na costa do Nordeste foi tão intensa e ameaçadora para Portugal que apressou sua decisão de efetivar a colonização do Brasil, adotando o sistema das capitânicas hereditárias.

Uma outra questão considerada na escolha do tema refere-se ao contato entre franceses e indígenas. Refere-se, mais especificamente, a ação francesa e seus reflexos sobre as populações ameríndias, brasileiras, com as quais simplesmente contactou, utilizou como aliado - contra outros indígenas ou contra portugueses -, guia, mão-de-obra ou mercadoria, ou combateu direta ou indiretamente. A complexidade destes contatos inter-étnicos não têm sido suficientemente explorada, tendo o interesse dos pesquisadores se voltado, na maioria das vezes, para o estudo das relações de escambo estabelecidas a partir dos primeiros contatos, visando a exploração do pau-brasil e de outros gêneros da terra de interesse mercantil.

A despeito da constância, complexidade e intensidade dos contatos estabelecidos entre França e Brasil. desde os primeiros anos do século XVI, o assunto, até o momento, tem sido pouco explorado pelos historiadores que se dedicam ao período colonial. Uma outra questão levada em consideração na escolha do tema diz respeito, portanto, a desproporcionalidade existente entre o potencial do tema e a atenção que lhe tem sido dedicada por parte dos pesquisadores, até então.

As fontes que se dispõe a respeito do tema se apresentam fragmentárias e repletas de lacunas. As informações, dispersas, fazem referência à ação de corsários franceses, ao longo do litoral nordestino do Brasil, no primeiro século de colonização, dando a impressão de que se tratava de ações isoladas de pirataria. Destaca-se, entretanto, neste período, como tentativa de ocupação e constituição de colônia, a *França Antártica* (1555-1567), no Rio de Janeiro. No Nordeste

do Brasil, no entanto, a exceção da *França Equinocial* (1612-1615), no Maranhão, não há qualquer referência a preocupação ou interesse em colonizar a área.

É bem verdade que historiografia colonial brasileira, baseada em relatos, muitas vezes não oficiais, de viajantes, cronistas, missionários que estiveram no Brasil no período, apresenta lacunas principalmente no tocante a primeira metade do século XVI. Na realidade, a documentação relativa aos primeiros contatos entre o Velho e o Novo Mundo e a incorporação deste último ao Sistema Mundial⁸; ao processo de adaptação a às estratégias de ocupação do novo ambiente adotadas pelos europeus, apresenta inúmeras lacunas. As fontes textuais apresentam-se, freqüentemente, fragmentárias, repletas de lacunas e, também, distorções. Vários são os fatores que contribuíram para a ocorrência dos problemas apresentados pela documentação textual.⁹ Não se pretende, no entanto, discutir, neste trabalho, as razões que determinaram o caráter fragmentário da documentação que se dispõe. Todavia, considerando-se o impacto do conhecimento do Novo Mundo sobre os dois grandes sistemas, o europeu e o americano, e a complexidade dos contatos estabelecidos, convém a importância da ampliação das fontes referentes ao assunto.

Durante muito tempo, conforme observam, por exemplo, Vieira, Peixoto & Khoury¹⁰, muitas vezes formas de regis-

⁸ WALLERTEIN, 1974.

⁹ "Seja por questões de conservação, seja por extravios e donos nos transportes, destruição por fatores naturais, destruições intencionais, enfim toda gama de fatores que atingem de um modo geral a documentação histórica. Fragmentária ainda pela própria natureza das informações registradas. A triagem natural dos temas a serem registrados, que não necessariamente representa uma omissão intencional, mas que quase se relaciona com a própria natureza do fato, restringe significativamente o universo das informações registradas _ a memória escrita". (ALBUQUERQUE, 1992: 141-142).

¹⁰ VIEIRA, PEIXOTO KHOURY, 1989.

tro da atividade humana foram desprezadas enquanto documento histórico. Seu valor e importância no processo de reconstituição e interpretação do funcionamento e das transformações de uma determinada sociedade não eram reconhecidos. A célebre frase: **"A história faz-se com textos"**, reflexo de um período em que se priorizava os documentos escritos, fetichizando-os, mereceu uma ressalva de Lucien Febvre¹¹ que convém ser citada: "Os textos, sem dúvida: mas *todos os textos*."¹² Não apenas os documentos de arquivo, os textos escritos, mas documentos humanos de qualquer natureza; "...testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e acção em potência..."¹³

Registros tais como cerâmicas, moedas, fragmentos de tecidos, utensílios, armas, instrumentos musicais, detritos humanos, paisagem, estruturas arquitetônicas, etc., que anteriormente só eram considerados e valorizados quando se pretendia fazer uma história setORIZADA, ou quando não se dispunha de documentos escritos, passaram a ser encarados sob uma nova perspectiva quando se ampliou a noção de documento histórico.

Com a ampliação da noção de documento histórico, novas perspectivas se abriram ao estudo de sociedades humanas desaparecidas. O acesso a estas sociedades, consequentemente, requer um estudo inter-relacional de elementos de suas chamadas "cultura material" e "cultura imaterial". Em outras palavras, a reconstituição e compreensão da cultura de um determinado grupo humano, depende do estudo do produto de seu trabalho, socialmente determinado¹⁴, inde-

¹¹ FEBVRE, 1977.

¹² FEBVRE, 1977:31.

¹³ FEBVRE, 1977:31.

¹⁴ Deve-se portanto, estar bastante consciente de que "A produção material de um grupo não se encontra dissociada de sua ontologia histórica. As formas pelas quais os elementos do grupo se relacionam, suas necessidades, sua forma de produzir e consumir, seu relacionamento com outros grupos, seu

pendentemente de sua natureza _ quer seja material, quer seja imaterial. A transformação do "produto do trabalho humano" em texto legível para o pesquisador, portanto, é o primeiro passo a ser dado no sentido de se alcançar a sociedade em estudo. Pois, conforme Albuquerque,¹⁵ é preciso, inicialmente, se estabelecer os "atributos de leitura" da sociedade que se pretende estudar. Estabelecidos estes atributos, bem como a sua captação, poderá, então, o pesquisador se aproximar de seu objetivo: recompor e interpretar a sociedade de um determinado grupo humano. Vale ressaltar, contudo, que em se tratando do estudo da cultura material de um determinado grupo social, a transformação de objetos, produto da cultura em questão, em textos "legíveis", ou seja, em documentos históricos, é obtida através de processos indiretos, sofisticados, muitas vezes; e, a medida em que se recua no tempo, o acesso aos "atributos de leitura" se torna mais distante e difícil para o pesquisador, afastando-o proporcionalmente da sociedade que ele se propõe a estudar.¹⁶ Convém ainda ressaltar que na produção de seus utensílios, cada grupo social segue uma lógica operacional própria, culturalmente condicionada. De modo análogo, segue-se uma lógica cultural na ocupação e estruturação dos espaços. Ressalta, ainda Albuquerque que o pesquisador deverá estar perfeitamente ciente dos limites de seus documentos, para não extrapolá-los.¹⁷

Muito embora a importância das fontes materiais seja mais evidenciada no estudo de sociedades sobre a qual não se dispõe de fontes escritas, deve-se reconhecer que "Muitas

intercâmbio com o meio ambiente, etc., são únicas e particulares". (ALBUQUERQUE, 1991:121)

¹⁵ ALBUQUERQUE, 1987.

¹⁶ ALBUQUERQUE, 1987.

¹⁷ Vale salientar que "A análise dos diferentes elementos constantes de um assentamento, contribui para se avaliar os objetivos, as necessidades de cada período, as suas relações com o meio físico e social, seus temores, suas atividades" ALBUQUERQUE; LUCENA:1995:5).

das informações do cotidiano estão contidas, implícita ou explicitamente, na documentação, entretanto outros aspectos do comportamento destas sociedades não chegam ao presente através do registro textual¹⁸

Considerando-se a raridade e fragmentação das fontes escritas relativas ao tema a ser estudado neste trabalho, a documentação material exercerá um papel de suma importância na reconstituição e compreensão do assunto. Por esta razão, este trabalho se propõe a fornecer subsídios para a pesquisa arqueológica, através da concatenação de dados históricos relativos ao tema, transformados em informações.¹⁹

Idealmente, os trabalhos deveriam estar engajados em um amplo programa de pesquisa, porém estruturados em projetos específicos que visassem abordar problemas complementares, seguindo a mesma metodologia. Desta feita, pode-se obter resultados muito mais eficazes no que se refere à compreensão e interpretação da sociedade em estudo. Os trabalhos seriam mais complexos e profundos, conforme salienta Albuquerque.²⁰ Sua contribuição será realmente efetiva. A uniformidade e a objetividade dos trabalhos, em termos teóricos, técnicos e metodológicos promoveriam um real avanço científico e, conseqüentemente uma ampliação do conhecimento no campo de estudo, no caso específico deste projeto, no conhecimento relativo ao processo de colonização do Brasil. Diante desta perspectiva, convém esclarecer que a escolha do tema deve-se, não apenas a sua importância, conforme justificação mencionada anteriormente e à desproporcionalidade quanto à atenção recebida por parte dos historiadores, mas também e sobretudo, por atender a inte-

¹⁸ ALBUQUERQUE; LUCENA: 1995:2.

¹⁹ Vale salientar que "(...) a prévia identificação da distribuição das unidades, proporciona um maior grau de segurança na identificação do contexto ao qual estão relacionados os artefatos, e portanto a sua própria identificação". (ALBUQUERQUE; LUCENA:1995:8).

²⁰ ALBUQUERQUE, 1987.

resses do Laboratório de Arqueologia do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, ao qual a autora deste trabalho se encontra vinculada. Ressalte-se, nesta oportunidade, que o objetivo do Laboratório de Arqueologia consiste, em linhas gerais, no estudo do contato entre o sistema americano e o sistema colonial europeu, através da pesquisa arqueológica. O estudo histórico deste processo de interação entre sistemas culturais distintos contribuirá para o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas que vêm sendo conduzidas pelo Laboratório, especificamente, e para a Arqueologia, de uma forma mais ampla.

A abordagem do objeto de estudo dependerá, obviamente, da metodologia utilizada pelo pesquisador em seu trabalho, que por sua vez deverá estar inteiramente vinculada aos objetivos da pesquisa, viabilizando, no final a confrontação de suas hipóteses iniciais e a elaboração de novas. No caso específico deste projeto, Não se pretende trabalhar mediante uma hipótese previamente estabelecida. Seu direcionamento deverá estar voltado para a solução de um problema observado na historiografia: grandes lacunas existentes no conhecimento relativo ao assunto e a natureza heterogênea, dispersa e fragmentária dos dados.

A partir da concatenação das informações, inúmeras questões poderão mais facilmente ser levantadas e exploradas não apenas pelo historiador mas também por pesquisadores de áreas afins como, por exemplo, da Arqueologia, Antropologia, Etnologia, Lingüística, entre outras, tendo em vista a interdisciplinaridade do trabalho científico.

Com o desenvolvimento da pesquisa interdisciplinar, soluções similares para problemas igualmente similares, embora em diferentes especialidades passaram a ser aplicadas. A inderdisciplinaridade, portanto, no caso específico das Ciências Humanas, tem contribuído fundamentalmente para a reconstituição, interpretação e compreensão de processos e

contextos culturais. Através da interação entre disciplinas, o pesquisador visa ampliar seus dados e, conseqüentemente, aprofundar suas conclusões. Convém ressaltar, no entanto, conforme observa Lucena²¹, que o estudo interdisciplinar somente será realmente válido quando o pesquisador, ao aplicar teorias e técnicas específicas de outras disciplinas em seus trabalhos, procurar ajustá-las, evitando a transposição direta.

Os dados, que se encontram, de certa forma dispersos na Historiografia Colonial Brasileira, serão apresentados em blocos cronologicamente organizados em ordem crescente, respeitando assim a seqüência dos acontecimentos; serão tratados de modo a possibilitar uma melhor visualização, não apenas temporal, mas também espacial, no que se refere à presença de franceses no litoral nordeste do Brasil.

E, como produto final deste trabalho, pretende-se realizar o mapeamento cronológico e geográfico das estruturas francesas, locais de conflitos _ tanto terrestres quanto navais_, pontos de contato com indígenas, enfim, de qualquer indicação desta presença.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capistrano de

Capítulos de História Colonial e os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. (Biblioteca Básica Brasileira)

ALBUQUERQUE, Marcos

Processo de Manufatura e Intemperismo Pós-Deposicional na Análise Cerâmica. **CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE**, Série Arqueológica, 1(6):81-91, Recife, 1990.

²¹ LUCENA, 1986.

ALBUQUERQUE, Marcos

Recomposição da Forma da Cerâmica Tupiguarani. **CLIO - Série Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE**, Número Extraordinário Dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, Recife, (4):121-123, 1991.

Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. **CLIO - Série Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE**. Recife, 1(8):131-151, 1992.

O processo inter-étnico em uma feitoria quinhentista no Brasil. **Revista de Arqueologia**. São Paulo, 7:99-123, 1993.

ALBUQUERQUE, Marcos & LUCENA, Velada

Agricultura Tropical Pré-Histórica (um sistema de floresta úmida ou que integra o semi-árido?). **Ciência e Trópico**. Recife, 19(1): 7-33, 1992.

COSTA, F.A.P da

Anais Pernambucanos 1453-1590. Recife, Fundarpe, 1985. (Coleção Pernambucana, 2ª fase, v.1).

HOLANDA, Sergio Buarque de & PANTALEÃO, Olga

Franceses, Holandeses e Ingleses no Brasil quinhentista. In: **HOLANDA, Sérgio Buarque (ORG.)**, História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Difel, vol. 1, 1996.

LIMA, M. de Oliveira

Pernambuco: seu desenvolvimento histórico. 2ª edição de Gilberto Freyre. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, 1975. (Coleção Pernambucana)

LUCENA, Veleda

A Ocupação Humana e os processos Depositionais. **CLIO Arqueologica, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE**, Recife, (8):169-175, 1986.

MELLO, J.A.G. de

A feitoria de Pernambuco (1516-35) e o Reduto dos Marcos (1646-54). Separata da **Revista Estudos Universitários**. Recife, 1: 73-84, 1969.

MENDES JÚNIOR, A.; RONCARI, L. & MARANHÃO

Colônia. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979. (Brasil História - Texto e Consulta, 1)

PUNTONI, P.

Guerras do Brasil (1504-1654). Ataques e invasões durante o Brasil-Colônia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992. (Coleção Tudo é História, 141).

SOUTH, Robert

História do Brasil. São Paulo/Bahia: Edusp/Itatiaia, 1981 [1808-1819].

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de

História Geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal, 9ª ed. em 3 vols., São Paulo: Melhoramentos, 1975 [1854-1927].

VERRI, G.M.W.

Viajantes Franceses no Brasil. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1994.

VICENTE DE SALVADOR, Frei

História do Brasil: 1500-1627. São Paulo/Bahia: Edusp ? Itatiaia, 1982 [1627].

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico - Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

GUERRA, Maria Eleonôra. A presença francesa no Nordeste do Brasil no século XVI: uma contribuição da História à Arqueologia. **Revista de Arqueologia - Coleção Arqueologia**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 79-85, 1996. Número dedicado à VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), Porto Alegre, 1995.